

Infância, história e educação – percursos e escolhas: uma entrevista com Gizele de Souza¹

Por Geysa Spitz Alcoforado de Abreu

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED,
da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

Linhas: Gizele, você poderia falar um pouco da sua formação acadêmica e das leituras que a mobilizaram neste percurso?

¹Nascida no interior do estado do Paraná, na cidade da antiga beleza natural das Sete Quedas – Guaíra, residente em Curitiba, filha da professora Terezinha e do dentista e também professor Álvaro, irmã de Álvaro Fernando e Ângelo Ricardo, casada com Paulo Vinicius, também seu colega de profissão e de universidade, mãe de Murilo e Nina, e com o enteado Vinicius. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, mestrado e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com Estágio 'Bolsa Sanduíche'/Capes em História da Infância na *Università degli Studi di Pavia*. É professora efetiva do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná e da Linhas de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. Coordena o NEPIE - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil. Participa como parecerista de vários periódicos nacionais da área de educação e atua no comitê científico da Editora Franco Angeli de Milão/Itália, da Edizioni Junior de Bergamo/Itália e na Revista Digital Infancia Latinoamericana, Barcelona/Espanha. Coordena o Termo de Convênio em Educação entre a UFPR e a UNIPV/Itália. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, História da Infância e Educação Infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: história da educação primária, história da infância, história da assistência à infância, história da educação infantil, cultura escolar, cultura material escolar, congressos de educação e infância, educação infantil, trabalho docente, política e avaliação de contexto na educação infantil.



Cursei Pedagogia na mesma Universidade em que hoje atuo profissionalmente – a Universidade Federal do Paraná – e, nessa instituição, tive a oportunidade de vivenciar a descoberta do universo acadêmico, as possibilidades de inserção em projetos de extensão e ensino (a iniciação científica naquele momento histórico não era tão expressiva no curso), a participação política, de representação estudantil. Por exemplo, embalada pela poesia de Bertold Brecht me elegi presidente do Centro Acadêmico Anísio Teixeira, entidade estudantil do Curso de Pedagogia. Essas foram atividades fundamentais, as quais me proporcionaram amplitude no olhar acerca da Universidade, da profissão e do próprio processo educativo. Neste mesmo período, a iniciação nos estudos de língua espanhola e francesa me aproximou da obra de Pablo Neruda – que diante do mar de Isla Negra, no Chile, “los versos del capitán²” me fizeram todo o sentido, e as correspondências de François Truffaut³ e as músicas de Jacques Prévert e Yves Montand⁴ me marcaram sobremaneira.

Deixei para trás o trabalho como pedagoga na rede pública do estado do Paraná e como professora substituta na própria UFPR e, rumo a São Paulo, realizei o mestrado na Pontifícia Universidade Católica, o que provocou uma nova rota no percurso de formação, tanto pela condição de viver em uma cidade estonteante como São Paulo, como por estudar outras referências teóricas e possibilidades de pesquisa. O formato e as perspectivas do Programa de Pós-Graduação em Educação: História e Filosofia da Educação da época, com as disciplinas básicas de formação em história, filosofia e sociologia da educação, os seminários de pesquisa, as atividades orientadas entre mestrandos e doutorandos e os inúmeros colóquios nacionais e internacionais promovidos foram me possibilitando uma compreensão mais alargada dos estudos de humanidades e, nela, a educação, ao mesmo tempo, me aproximando dos fazeres da pesquisa e das exigências com o método científico.

Esta prática de olhar o passado e destacar o que dele gostaria de lembrar para a entrevista que aqui me convoca, me remete, imediatamente, às reflexões manifestas em

² Livro de Pablo Neruda intitulado “Los Versos del Capitán”, publicado em 1993 pela editora Planeta.

³ François Truffaut: Correspondance. Lettres recueillies par Gilles Jacob et Claude de Givray, avant-propos de Jean-Luc Godard. Foma, 1988, 672 p.

⁴ Cantor e ator italiano – Ivo Livi – naturalizado francês.

uma entrevista de Michel de Certeau⁵ quando discute a tensão no fazer histórico entre o passado e o presente, salientando que muitas vezes se diz que a história é o trabalho para conservar o passado, mas o autor argumenta que existe “uma tarefa complementar que é a de produzir a possibilidade de esquecer”, de “produzir o esquecimento de algo, de abrir um lugar para os vivos entre tantos mortos”, porque acredita “que uma sociedade é habitada por seus mortos e que é necessário criar novos espaços para os vivos contra a massa dos mortos.” Assim, segundo o autor, o trabalho histórico “é um instrumento para criar esquecimentos” e nele “existe também a fundação de um presente e de um futuro pela eliminação de muitos aspectos do passado” (Certeau, 1982, p. 17-18. Tradução minha). Nesta operação de seleção de aspectos, momentos, obras, leituras, abrem-se caminhos para a reiteração da memória, a consolidação de um dado passado, mas ao mesmo tempo, para a possibilidade de desfilamento do que não se investiu, dos não feitos, dos escapes e do reconhecimento do trajeto e das escolhas assumidas.

A opção de viver em um lugar menos frenético me levou à cidade de Santos, que junto dos escritos sobre educação brasileira, lições do curso de mestrado, outras poesias e reflexões foram ocupando a minha estante e a minha mente, marcantes foram os textos de e sobre Lou Salomé⁶, Pier Paolo Pasolini⁷ e Antonio Candido⁸, um conjunto narrativo distinto, mas provocativo a mim pelas questões acerca da relação entre vida, poesia, literatura e história. De posse dessas experiências, o ingresso no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como professora efetiva, deu-se sustentado em um duplo movimento: de desafio do trabalho acadêmico, na interface ensino, pesquisa e extensão e, ao mesmo tempo, de constituição de grupo de pesquisa e de uma produção que se comprometesse com o refinamento da investigação e não desligada do compromisso com a justiça social. É inevitável aqui comentar sobre este intento, pois pode ter ligação com os longos debates que já atravessaram os estudos no

⁵Entrevista com Michel de Certeau realizada por Cristina Carbó y François Giraud e publicada na Revista *Históricas*, México, UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, número 10, septiembre-diciembre 1982, pp. 25-26; 39-51.

⁶PETERS, H. F. *LOU minha irmã, minha esposa: a biografia de Lou Andréas Salomé*. Prefácio de Anaïs Nin. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

⁷PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários*. Org: Michel Lahud. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁸D'INCAO, Maria Angela & SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. *Dentro do Texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

campo das ciências sociais entre cultura apolítica e cultura politizada, posição que tanto povoou as discussões na área educacional. Norberto Bobbio (1993)⁹ de pronto recusa tal dicotomia, avalia que estas concepções extremadas são continuamente presentes em nosso cotidiano e que são “mistificações” (p. 58). O autor italiano se serve da política como arte da convivência, e eu me sirvo das suas palavras para dizer que a dimensão que me mobiliza politicamente “é puramente e simplesmente uma arte ou uma técnica, a arte, por excelência, de viver juntos, da convivência em sociedade ordenada”. Ou ainda, segundo Bobbio, a “política é instrumental”, a “política é necessária”, em síntese é admitir junto com o teórico italiano que a “política é um instrumento necessário para a realização de cada forma civil de convivência” (Bobbio, 1993, p. 59. Tradução minha).

No doutorado, retorno à PUC de São Paulo com outros interesses e mobilizada pelos temas da história da educação. Insiro-me no curso de doutoramento com um projeto sobre a constituição histórica dos jardins de infância e grupos escolares nas primeiras décadas do século XX no Paraná. Os estudos sobre cultura escolar – mediados e subsidiados pelo trabalho da professora orientadora Marta Carvalho – foram provocando um redesenho no projeto de tese e nas minhas perspectivas teórico-metodológicas. Foi exatamente neste momento que aceitei a empreitada de traduzir o artigo de Dominique Julia¹⁰ para ser publicado no primeiro número da Revista Brasileira de História da Educação.

As leituras da história cultural e o curso realizado com o Prof. Peter Burke na PUC de São Paulo me fizeram entrar de sola, assim como o fez François Dosse (2004)¹¹, nos estudos provenientes “da escola dos *Annales* exprimidas em um momento triunfante de dilatação de um território sem limites do historiador. Ela revelava a riqueza, a fecundidade de uma escola que utilizava todos os objetos disponíveis” (p. 20-21), mas também produzia incômodos e insatisfações acerca do que se poderia esperar da

⁹ No livro “Il dubbio e la scelta: intellettuali e potere nella società contemporanea”. Roma: Carocci, 1993.

¹⁰ JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Revista Brasileira de História da Educação. São Paulo: “La culture scolaire comme objet historique”, v.1, n.1, 2001, p. 9-43, do original publicado na *Paedagogica Historica. International journal of the history of education* (Suppl. Series, vol. I, coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, 1995, pp. 353-382).

¹¹ DOSSE, François. História e Ciências Sociais. Tradução de Fernanda Abreu. Bauru: EDUSC, 2004.

história e do historiador¹². Nessa direção, é oportuna a análise que Dosse realiza quando expõe a posição em relação ao paradigma estruturalista (teses já manifestas em *A história em migalhas*), pois enxerga, apesar das críticas, “de que os avanços feitos pelas ciências humanas estavam ali, nessa efervescência estruturalista”. E sublinha ainda que convinha também “ir contra uma tendência muito marcada da vida intelectual francesa que é fazer grandes faxinas dos períodos precedentes, que são anulados” (p. 27). Os estudos do doutoramento me propiciaram este percurso de prestar atenção às tendências precedentes, a compreender o contexto de produção das escolas e de determinadas obras de referências no campo da história e da educação brasileira. François Dosse, após a sua travessia de percurso teórico, encontra sintonia nos textos de Paul Ricoeur com a dimensão dialógica (p. 29) e eu, conforto na obra de Michel de Certeau, com a perspectiva da escrita da história e da operação historiográfica (2000)¹³.

Provocada pelos estudos de Michel de Certeau e Roger Chartier e mobilizada a aprofundar sobre a produção historiográfica sobre infância, cheguei à Itália para realizar os estudos, com estágio na *Università degli Studi di Pavia*, sob a supervisão de Egle Becchi, profunda conhecedora da obra de Certeau, que me auxiliara na condução de estudos desse autor e sua obra. Esta professora italiana foi peça chave na incursão que realizei sobre história e historiografia da educação e da infância, na Itália, a partir dos conceitos e abordagens formulados por ela, contribuições que me conduziram a tomar a infância na perspectiva histórica e contemporânea, articulada aos estudos provenientes do campo da história, arte e filosofia, da psicanálise e da própria pedagogia. Diversos objetos já se constituíram em pauta de trabalho da pesquisadora Becchi, aposentada da Universidade desde 2005, mas a história da infância se tornou progressivamente crescente nos seus estudos e, seguramente, é este o tema que escolhe, ou como já me disse outrora: “*il mio main concern*”.¹⁴ Com o estilo barroco na escrita e extremo rigor na condução dos estudos, fui aos poucos me inserindo naquele vasto cabedal teórico e na produção bibliográfica que localiza e pensa as crianças na história e a história da infância como

¹² O próprio François Dosse, como expressão desse diálogo e tensão com a produção dos *Annales*, publica seu artigo, em 1974, intitulado “A história em migalhas”, que em 1983 é apresentado como tese e depois publicado em 1987 como livro – “A história em migalhas”.

¹³ Certeau, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª. ed. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2000.

¹⁴ A sua principal preocupação.

tarefa dos adultos acerca dos vestígios sobre as crianças e as experiências delas na infância. Entende que o objeto da infância e sua história não se apreendem em si mesmo, desconsiderando as circunstâncias e relações nas quais são produzidas e abre um caminho teórico-metodológico promissor que segue na perspectiva do investimento do pesquisador no olhar e na escuta:

O saber da criança no presente e a reconstrução da história da infância no passado podem vir inseridos neste quadro, que é de incerteza discursiva, (...) de difícil identificação do objeto do qual se pretende tratar, de aproximações inéditas e quase sempre duvidosas, as quais requerem aquela mobilidade do olhar e aquela sensibilidade de escutar que o antropólogo e o psicanalista têm, próprios do estudioso de um sujeito diverso de si, evasivo, quase assim mudo ou que se expressa em um código de todo peculiar. (BECCHI, 1994, p. VI. Tradução minha¹⁵).

A oportunidade nesta imersão teórica da obra de Egle Becchi e da historiografia italiana da infância me possibilitou um conjunto de traduções e publicações, no Brasil, que realizei de textos desta autora e a partir de seus escritos, na forma de livros e revistas da área¹⁶. E posso dizer ainda, sem demasia, que essa viagem de experiências, culturas, estudos e vida marcou definitivamente minhas escolhas e percurso profissional. Na Itália, a estante de livros ganha novos volumes, lugar reservado à obra de Italo Calvino e Natalie Ginzburg.

Lnhas: *Como surgiu seu interesse pelos estudos da infância e como você organizou os primeiros trabalhos, projetos em torno do tema?*

Desde meu ingresso na graduação, envolvi-me com projetos de extensão, de ensino e de estágio em instituições de educação infantil, ao mesmo tempo participei e

¹⁵ BECCHI, Egle. Prefazione. In: *I Bambini nella storia*. Roma-Bari: Laterza, 1994, p. v-xvi.

¹⁶ A título de exemplo, traduzi o texto de Egle Becchi “Entre biografias e autobiografias pedagógicas: Os diários de infância”, que está publicado na Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Autores Associados/SBHE, n. 8, julho-dezembro, 2004, p. 125-157.

coordenei por anos o Grupo de Trabalho de Educação Infantil¹⁷ ligado aos debates do Fórum Paranaense da Escola Pública, Gratuita e Laica, nos anos oitenta.

Profissionalmente, trabalhei na educação infantil, como professora e pedagoga, em instituições públicas e particulares. No campo da pesquisa, partilhei com outra colega da Universidade, a Ana Lúcia Silva Ratto, o estudo sobre a história da rede municipal de Curitiba sob o olhar dos professores, pesquisa que dava ênfase à perspectiva da história oral e abarcava a investigação acerca da constituição da rede pública de educação de Curitiba e de como as primeiras professoras se compreendiam neste processo. A pesquisa envolvia tanto as professoras primárias, como as que atuavam no então nomeado pré-escolar. Aliás, lembro-me, Geysa, com muita alegria do convívio que estabelecemos no desenvolvimento deste projeto de pesquisa, pois à época você encontrava-se vinculada a essa nossa investigação. Essa experiência de formação coletiva que experimentamos me faz pensar na reflexão posta por Jacques Revel (2010), quando discutia as perspectivas historiográficas francesas, as gerações dos *Annales* e as perspectivas de direção da Revista dos *Annales*, lembrando que inicialmente a pesquisa histórica era uma atividade mais solitária e que anos depois Lucien Febvre requeria a inclusão de equipes de pesquisadores “para além da simples eficácia, ele esperava um benefício epistemológico: o trabalho coletivo seria o meio de chegar a ‘fazer enfim da história uma ciência de questões a se fazer’, ao invés de se resolver com certeza e de uma só vez” (REVEL, 2010, p. 43)¹⁸. Assim, entendo que o espaço coletivo de investigação e de formação de novos pesquisadores alimenta e consolida um *ethos* identitário, na constituição do ser pesquisador e da formação do praticante da pesquisa.

A derivação dos estudos da tese de doutoramento, da aproximação com as pesquisas produzidas na França e na Itália sobre história e assistência à infância, história da educação, da criança e dos processos educativos e de sua materialidade, da qualidade da educação para os pequenos e cultura, política e avaliação de contexto, contribuíram significativamente para a formulação de vários projetos de pesquisa e extensão

¹⁷ Este Grupo se desvinculou do Fórum Paranaense e funciona atualmente como Fórum de Educação Infantil do Paraná (FEIPAR), movimento atuante no estado paranaense e articulado aos demais fóruns brasileiros.

¹⁸ REVEL, Jacques. *História e Historiografia: exercícios críticos*. Tradução de: Carmem Lúcia Druciak. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

desenvolvidos na universidade, em destaque o projeto intitulado “História, Cultura e Escolarização da Infância”, bem como fomentaram a organização do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE), sediado na UFPR¹⁹. O Núcleo comporta colegas advindos do campo específico da educação infantil, e também da escola, com propostas e temas variados, provenientes da história e sociologia da educação e da infância, do campo do currículo, da formação de professores, da política e avaliação, da diversidade cultural – as imbricações entre as relações de idade, raça/etnia.

Outros tantos trabalhos foram sendo produzidos no decorrer dos anos, individualmente ou junto a ações mais coletivas do NEPIE, em articulação com as redes de ensino, na formação de professores, na coordenação de projetos institucionais com outros colegas da profissão e com pesquisadores de outros países. Esses trabalhos culminaram em um conjunto de estudos, eventos e publicações em parceria com uma grande amiga e colega da UFPR – Catarina Moro. Nos últimos tempos, temos conjuntamente coordenado vários programas de formação para professores da educação infantil e realizado pesquisas que trazem o tema da educação infantil em primeiro plano: sobre qualidade e gestão de educação infantil, interface entre educação infantil e ensino fundamental, trabalho docente, política e avaliação de contexto na educação infantil, promoção da igualdade étnico-racial na educação infantil. Acredito ser este lugar da universidade um espaço fértil e promissor de se trabalhar e viver²⁰.

O tema da infância também ganha relevância e fôlego na dimensão de formação de pesquisadores, ou seja, no trabalho realizado de orientação a alunos desde a iniciação científica ao doutorado, com o qual posso exercitar no melhor sentido do termo o sentimento de alteridade, pois é *com e pelo* outro que enxergo minhas falhas, acertos, sintonia e desacordos e, na condição de leitora qualificada, posso contribuir na produção

¹⁹ Que conta na vice-coordenação com Marynelma Camargo Garanhani. O NEPIE organiza atividades desde 2007, mas teve sua cerimônia de inauguração em outubro de 2008, com a participação da professora e escritora Mary Del Priore.

²⁰ Muito tem contribuído para esta situação favorável de trabalho e satisfação no cotidiano do NEPIE, a atuação de Franciele Ferreira, orientanda pró-ativa que nos auxilia em muitos projetos e ações do Núcleo.

de estudos que tragam tanto a marca do rigor da pesquisa acadêmica, como do espírito colaborativo do grupo participante.

Essa trilha de investimento em pesquisa, militância e envolvimento profissional com a infância, seja em perspectiva contemporânea ou histórica, foi consolidando um *lugar* (no sentido cereteuniano) a partir do qual me vejo, cotidianamente, estimulada e desafiada a me manter, pois são ações com naturezas distintas, mas que se mantidas em paralelo (com maior ou menor ênfase), desarrumam a ordem tão articulada que construímos em torno a estes campos, e acredito ser uma oportunidade de experimentar o refinamento do discurso, a competência da explicação e o exercício da proposição.

Linhas: *Gostaria que você falasse também sobre a sua atuação na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e no Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB).*

Na ANPEd, participo de dois Grupos de Trabalho (GTs) – o da História da Educação e o da Educação de Crianças de 0 a 6 anos – intercalando períodos e temas de maior investimento em pesquisas em uma determinada área ou outra. Aquilo que pode parecer um limitador, atuar em campos paralelos, a mim tem se mostrado favorável e desafiador, apesar do trabalho que dá manter-se presente e aliada nessas frentes mencionadas. A história desses Grupos de Trabalho e das empreitadas acadêmicas por eles assumidas são distintas. Na história da educação tenho participado como pesquisadora da área, acompanhando os trabalhos ali divulgados, inclusive de orientandos meus. No entanto, no de Educação Infantil, minha inserção também conta com outros papéis, como por exemplo o de parecerista que fui. Também participo, desde a sua criação, da Sociedade Brasileira de História da Educação e dos congressos que organiza, assim como, por meio de artigos e traduções na Revista pertencente à Sociedade.

No âmbito do movimento social, o Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB) tem se constituído, historicamente, em um importante ator na trama política na defesa da educação infantil e nos debates em torno da educação pública, de

qualidade no Brasil. Participei da primeira reunião de articulação de integrantes dos Fóruns de Educação Infantil realizada durante a 22ª. Reunião Anual da ANPEd, em Caxambu, em setembro de 1999, e também das reuniões subsequentes em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro em São Paulo, naquele mesmo ano²¹. Neste percurso de mais de 10 anos, muitas foram as reuniões, seminários, ações em que me vi envolvida, não só individualmente mas como participante do Fórum de Educação Infantil do Paraná (FEIPAR)²², e pude testemunhar a capacidade de articulação do MIEIB em prol de intervir a favor da melhoria da educação das crianças pequenas no Brasil. Talvez, mais recentemente, o meu distanciamento tenha produzido uma espécie de estranhamento em torno da natureza, das parcerias e das perspectivas assumidas pelo movimento. Todavia, a despeito disso, é inegável o seu valor social e a sua combatividade.

Linhas: *Gizele, você poderia comentar um pouco sobre as pesquisas e parcerias que vem desenvolvendo atualmente?*

Como diz o poeta Fernando Pessoa, “não sei quantas almas tenho. Cada momento mudei. Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei...”²³. Como já mencionei antes, tenho atuado em dois campos temáticos – o da história da educação e o da educação infantil. São frentes distintas, com parceiros particulares e com intentos próprios. Na história, me dedico aos estudos sobre instrução pública paranaense, no percurso do século XIX e XX, com especial atenção sobre a interface escola primária, infância e cultura escolar. Tenho participado, há um bom tempo, de pesquisas coletivas nesta esteira de investigação sobre história da escola primária, como, por exemplo, do

²¹ Para saber mais sobre a trajetória deste movimento, indico a leitura do livro de autoria coletiva do MIEIB, intitulado “Educação Infantil: construindo o presente”, publicado em Campo Grande, pela Editora UFMS, em 2002. Também pelo site institucional, é possível acompanhar as ações da atualidade – www.mieib.org.br.

²² Esse Fórum conta, atualmente, com uma proposição mais orgânica nas ações que desenvolve e tem-se constituído em um espaço de mobilização e qualificação do debate em educação infantil, na articulação com vários segmentos da sociedade civil, com profissionais da área e com as redes públicas de educação. E é importante registrar que este rumo do FEIPAR tem, dentre inúmeros nomes a registrar, o de Daniele Marques Vieira, um crédito particular.

²³ Poesia de Fernando Pessoa, “não sei quantas almas tenho”.

projeto nacional coordenado pela competente professora Rosa Fátima de Souza²⁴. Como neste projeto os pesquisadores se organizam por grupos de trabalho, encontro-me no Grupo de Cultura Material Escolar e, nele, tenho experimentado com pesquisadores e amigas²⁵ intensa convivência que construí nesses anos, de interlocução acadêmica e partilha pessoal. Nesta empreitada, alunos da graduação e da pós que supervisiono participam também desse projeto, e além de serem grandes colaboradores empíricos do estudo, no GT de Cultura Material Escolar, eles têm podido exercitar a escrita por meio da participação em publicações nossas e também apresentado seus trabalhos individuais de pesquisa. Eu diria que esta combinação de assistente e pesquisador, que nem sempre é presente nos projetos coletivos da área, tem marcado a trajetória dessa equipe de cultura material escolar.

Acerca desse tema, vários trabalhos relevantes têm sido produzidos no Brasil, incluindo neste compósito a produção do grupo que mencionei há pouco de cultura material escolar, mas também estudos em outros países contribuem. Aqui me lembro imediatamente dos textos publicados no *Quaderni Storici*²⁶ sobre cultura material. Escrevi com Eliane Peres²⁷ que o investimento neste campo de estudo sobre a materialidade escolar, no contexto da escolarização primária, por exemplo, “possibilita pensar e acionar um leque variado de questões de pesquisa acerca do cotidiano da escola pública brasileira, investigação esta incitada por objetos escolares que se constituem tanto como indicadores de uma dada prática pedagógica, como artefatos culturais em circulação em determinado contexto histórico”. Nessa direção, também é possível entender que “a materialidade da escola e as disputas em torno dela permitem perceber como a escola e os projetos sociais e pedagógicos de educação da infância foram construídos discursivamente envolvendo diferentes sujeitos” (PERES & SOUZA, 2011, p. 46).

²⁴ O projeto congrega inúmeros pesquisadores de universidades brasileiras e teve sua primeira edição intitulada “Por uma Teoria e uma História da Escola Primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)” e atualmente volta-se para o estudo da “História da Escola Primária no Brasil: investigação em perspectiva comparada em âmbito nacional (1930 – 1961)”.

²⁵ Eliane Peres, Vera Gaspar e Anamaria de Freitas.

²⁶ Vários números da revista, publicada pela *Il Mulino*, podem ser destacados, em especial o número 43 e 48.

²⁷ Texto intitulado “Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im) possibilidades de investigação”, parte do livro organizado por César Augusto Castro – *Cultura Material Escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)*. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2011, 43-68.

Pessoalmente, trabalhar com “cultura escolar” e “cultura material escolar” não representa modismos ou possibilidades certeiras de inserção ligeira em um debate de muita visibilidade. Contrariamente, avessa às facilidades do método e da pesquisa protocolar, procuro investir meus esforços em enxergar no provimento material, com base empírica de largo espectro, tanto na história da escola como na da educação infantil, uma trilha que vislumbre a ação dos homens, mulheres e crianças e que mediada pelos objetos e apetrechos escolares, seja possível escrever uma história da educação, na qual a intencionalidade, os projetos e os usos sejam recursos analíticos, muito mais do que subterfúgios e adereços estilísticos ou narrativos. Um caminho de pesquisa que se volta para aquilo que Paul Veyne chama de “inventário explicativo” (p. 35)²⁸ ou para aquele laboratório de “possibilidades históricas” (p. 10), como sugere Natalie Zemon Davis²⁹.

No trabalho de orientação tenho acompanhado e fomentado junto aos alunos o investimento nos temas da história da educação e da infância, na escola e nos outros espaços sociais, como na família, assim como a assistência à infância nas instituições e programas organizados para tal fim, os congressos de educação e infância no Brasil e na América Latina, as biografias e memórias de escola e infância, a constituição do ofício docente e da inspeção escolar, as instituições de educação infantil, seja por meio das propostas, programas curriculares e de formação, das instituições e da sua materialidade. No tocante às fontes, temos lidado com fontes muito diversas, com natureza e estatutos próprios, mas partilhando, tanto nas minhas pesquisas individuais ou coletivas com os orientandos, dos espaços dos *arquivos*. Tenho convicção que a experiência de escavar e aprender a lidar com a documentação de arquivos, públicos, por exemplo, tem sustentado trabalhos com mais desenvoltura acadêmica e principalmente forjado olhares e competências de pesquisadores. Produzi com dois doutorandos³⁰ um artigo sobre o Arquivo Público Paranaense: as possibilidades para a pesquisa em história da educação no período provincial para a Revista Educação & Pesquisa, que expressa esse sentido que

²⁸ No livro *O inventário das diferenças: lição inaugural no Colégio de França*. Tradução de José Vasco Marques. Lisboa, Gradiva, 1989.

²⁹ No livro *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

³⁰ Juarez José Tuchinski dos Anjos e Etienne Baldez Louzada Barbosa.

aqui manifesto – o quanto conhecer um arquivo possibilita questionamentos para o ofício do historiador deste espaço, que impõe logo de início uma enorme contradição, como alerta Farge, pois “ao mesmo tempo em que invade e imerge, ele conduz, por sua desmesura, à solidão” (FARGE, 2009, 20).

Na educação infantil, além do investimento nos estudos de caráter histórico, a que já fiz menção, outros assuntos têm ocupado meus ânimos, como qualidade e gestão da educação infantil, política de educação infantil, trabalho docente - tema esse provocado pela amiga Livia Fraga Vieira, que me convidou a participar de um audacioso projeto de pesquisa, coordenado pela Dalila Oliveira e por ela, cuja finalidade, dentre outros objetivos, foi realizar um grande *survey* nacional sobre Trabalho Docente na Educação Básica, e que investe agora em uma frente de pesquisa qualitativa, utilizando-se de grupos focais e observação de práticas de professores.

Outro tema a que me dedico é sobre a relação de educação infantil e a promoção da igualdade racial, que, em parceria com Paulo Vinicius, publico e atuo em projetos de pesquisa e formação de professores nesta área. Também me envolvo com trabalhos sobre a relação entre educação infantil e ensino fundamental, um interessante projeto foi desenvolvido sobre isso – A Infância vai à Escola: transição da educação infantil para os primeiros anos do ensino fundamental em Curitiba e municípios da região metropolitana – e nele foi possível identificar aspectos positivos, principalmente por parte dos professores, da maior presença do acompanhamento do trabalho pedagógico, do planejamento e das propostas para as crianças, todavia salta aos olhos a enorme dificuldade, por parte dos gestores das instituições e das redes, em compreender o que implica e altera esta relação de transição entre educação infantil e os anos iniciais do fundamental. Nesta direção, inicio outro projeto sobre o mesmo tema da transição, mas ampliando o olhar e as fontes para as experiências italianas.

Ainda na interlocução com a Itália, coordeno em parceria com Catarina Moro (quase meu *alter ego*), um programa de intercâmbio e de investigações sobre a relação entre educação e avaliação de contexto na educação infantil. O estudo se articula aos trabalhos desenvolvidos durante décadas pelas pesquisadoras da Universidade de Pavia. Neste projeto, outras colegas da área e universidades estão envolvidas, e projeta-se uma

ação de estudo, de pesquisa, mas também de intervenção em política pública, colaborando com a instância da gestão federal, na possibilidade de se pensar e propor caminhos de avaliação em educação infantil distintos dos instrumentos e procedimentos restritivos que aforam o país.

Linhas: *Gizele, obrigada pela sua disponibilidade em partilhar conosco um pouco da sua trajetória.*

Enfim, Geysa, te agradeço por esta oportunidade e pela paciência com meus exageros e esquecimentos. Espero, sinceramente, que estes fragmentos aqui partilhados possam ser capazes de elucidar, pelo menos em parte, os meus percursos e escolhas.

Curitiba, outono de 2013.